

A COLEÇÃO DE AZULEJOS DO MUSEU MUNICIPAL DE VIANA DO CASTELO

Por ANTÓNIO MATOS REIS *

1. Breve introdução

Os monges beneditinos terão sido os primeiros, na Europa, a adoptar a cerâmica vidrada, em vez das composições feitas com pedras de várias cores, na pavimentação de capelas e de outros compartimentos — trazendo o «opus alexandrinum» de Constantinopla para a Itália, na primeira metade do séc. XI. Para fazer esse tipo de pavimento — que, em Portugal, existiu, por exemplo, no mosteiro de Alcobaça — recortavam-se peças cerâmicas, em desenhos geométricos, com várias colorações, desde o creme claro, passando pelos avermelhados, até ao castanho escuro, conforme a composição das argilas (óxido de ferro), cobertas com vidrado a zarcão (óxido de chumbo).

A partir do séc. XII divulga-se gradualmente a técnica de esmaltagem da cerâmica que, iniciada na China, chegou até nós pela via do Médio Oriente e do norte de África. Da aplicação de esmalte sobre placas de argila com formas regulares nasceu o azulejo. O vidrado distingue-se da esmaltagem porque o primeiro, como a expressão dá a entender, consiste num camada translúcida e transparente aplicada sobre a argila, colorida ou não, enquanto a segunda é por natureza opaca e branca ou de outra cor e dotada de brilho natural.

Os azulejos propriamente ditos, isto é, os ladrilhos de cerâmica com revestimento esmaltado, remontam aos finais do séc. XIII, e começaram a produzir-se na parte sul da Península Ibérica, então sob o domínio muçulmano.

* Mestre em História e em Museologia; Conservador do Museu Municipal de Viana do Castelo.

Embora estes ladrilhos inicialmente se aplicassem nos pavimentos, como foi referido e se documenta ainda nalguns locais e certas pinturas do séc. XVI testemunham, cedo passaram a adoptar-se predominantemente como revestimento de paredes.

2. Azulejos hispano-árabes

Portugal é o país onde no decorrer dos séculos mais importância se deu ao azulejo, sendo também aquele que possui maior número e variedade de exemplares, de todas as épocas: alicatados, de corda seca, de “cuenca”, de tapete, de figura avulsa, policromos, monocromos, simplesmente decorativos ou historiados. No entanto, as suas origens encontram-se fora do território português.

2.1. O *alicatado*, primeiro antepassado próximo dos azulejos, era um mosaico organizado com peças de várias cores e formas geométricas, cuja associação podia gerar um número infinito de desenhos: cortavam-se placas esmaltadas em fragmentos com várias formas — aliceres ou taceiros — e com eles se faziam composições policromadas, segundo um processo que exigia grande perícia e delicadeza, tornando-se moroso e caro. Serão de finais do séc. XIII os mais antigos exemplares em que se adopta esta técnica, também utilizada no séc. XIV e na maior parte do séc. XV. Durante muito tempo, produziram-se, especialmente na área de Valência, *alfardas* e *losetas*, isto é, placas hexagonais destinadas à colocação em pavimentos.

2.2. A *corda seca* foi um processo mais simples, que se passou a utilizar no último quartel do séc. XV: os azulejos tomaram por base uma forma quadrada, sobre a qual, com uma matriz de madeira ou metal, se aplicava um desenho com composições geométricas (estrelas, laçarias, etc.) idênticas à dos alicatados, no qual os vários campos eram separadas por espaços vazios, que se preenchiam com óleo de linhaça e manganés nele dissolvido, de modo a isolar e impedir a mistura das várias cores durante a sua aplicação ou durante a cozedura. Desse sulco de delimitação entre as várias áreas derivou o nome com que se tornaram conhecidos os azulejos confeccionados segundo essa técnica: azulejos de *corda seca*.

2.3. Os azulejos de *aresta*, na época chamados também azulejos de “labores”, apareceram no último quartel do séc. XVI e utilizavam um processo mais avançado, em que o desenho se imprimia com o molde no barro ainda mole, criando espaços delimitados por arestas, mais altas, que tornavam seguro o isolamento das cores e davam maior rapidez à execução do trabalho. Daí veio o nome dado aos azulejos confeccionados desse modo, conforme se aludia ao facto de os campos a colorir ficarem mais baixos (em *cuenca*) em relação à linha em relevo (aresta) que faz a separação. Inicialmente imitavam as formas geométricas dos azulejos de “corda seca”, tal como estes se inspiravam nas do alicatado. No séc. XVI começaram a adoptar-se outros motivos, por influência das mais artes decorativas, difundidos pelo Renascimento, recorrendo às figurações fitomórficas e a outras.

A diferença entre azulejos de “corda seca” e de “aresta” interessa mais no aspecto técnico do que no artístico, sendo basicamente importante para conhecer a evolução dos modos de fabrico. As primeiras e principais oficinas de produção destes azulejos situavam-se no sul de Espanha, em regiões que estiveram até mais tarde sob o domínio árabe — Granada, Valência, Málaga, Manises, Paterna, Sevilha. Daí, e em razão da decoração neles usual, que reproduz motivos muçulmanos, o chamarem-se azulejos hispano-árabes ou mudéjares. Sevilha foi o maior centro produtor de azulejos e o principal abastecedor do mercado português. Os motivos decorativos herdados da tradição muçulmana são fundamentalmente as laçarias a formar estrelas ou outras construções geométricas.

No distrito de Viana, havia azulejos *mudéjares* ou hispano-árabes, de meados do século XVI, na igreja de Santo António dos Frades, de Ponte de Lima, dos quais ainda restam alguns exemplares. Havia-os igualmente no antigo convento de S. Francisco do Monte, possivelmente devidos às obras executadas em 1584. Há vários espécimes no Museu Municipal de Viana do Castelo, cujo lugar de origem em geral se desconhece.

3. Azulejos planos

3.1. Com o Renascimento, por influências das “majólicas” italianas, operou-se, desde o princípio do séc. XVI, uma grande mudança na arte do azulejo, que resultou, em primeiro lugar, da utilização de um processo de

pintar mais rápido: sendo o azulejo totalmente liso, o pintor aplicava as tintas com inteira liberdade, desenhando, quando muito, se o desejava, os contornos, a manganês ou vinoso, antes de colorir o desenho. A utilização das cores com fundente estanífero, acompanhada de inovações no campo da composição decorativa, deixava a mão livre ao artista para realizar grandes conjuntos, inclusive através da criação de painéis figurativos. Este processo foi introduzido na Península Ibérica por um italiano, Francesco Niculoso, de Pisa. Um dos centros peninsulares que mais cedo adoptou esses processos foi o de Talavera de la Reina, que forneceu azulejos, entre outros, para o Paço Ducal de Vila Viçosa. Nos finais do séc. XVI, o azulejo português, embora inspirando-se nos padrões ornamentais do renascimento italiano, atingiu um alto nível de qualidade.

3.2. Os azulejos enxaquetados, usados desde os fins do século XVI, atingem o seu efeito decorativo, que vai desde a simples composição em xadrez até à composição de caixilho, com a repetição rítmica de azulejos lisos, todos do mesmo tamanho ou de dimensões combinadas, cada um deles totalmente coberto de uma só cor, predominantemente o branco e o azul.

Na igreja da Caridade (Convento de Santa Ana), em Viana, azulejos de caixilho, de cerca de 1610, cobrem as paredes interiores da igreja. Alguns azulejos deste tipo encontram-se igualmente na Misericórdia.

3.3. Com as composições de *tapete*, elaboradas na base da repetição de padrões, no decorrer do séc XVII, o azulejo adquire uma expressão caracteristicamente portuguesa, integrando-se harmoniosamente nos espaços arquitectónicos e desenvolvendo ao máximo as suas potencialidades decorativas. As paredes forram-se de conjuntos polícromos que enchem de luz colorida os espaços interiores e, logo a seguir, de painéis figurativos, introduzidos, no século anterior, por influência das majólicas italianas, mas alargando-se agora a sua utilização a um grande número de lugares religiosos. Aparecem os frontais de altar de azulejo, com composições a imitar a decoração dos mais preciosos tecidos orientais.

No exterior de S. Domingos há um painel — N.ª S.ª do Rosário — na fachada voltada a norte, de fabrico de Lisboa, de cerca de 1670. Neste mesmo concelho, encontra-se um notável rodapé de azulejos de tapete, nas paredes da nave da igreja paroquial de Carreço.

Em Arcos de Valdevez, a igreja matriz terá sido revestida de azulejos, de que apenas uma pequena quantidade aí permanece. Segundo consta, provêm desse templo quatro azulejos datados de 1640, que existem no Museu Municipal de Viana. De época próxima, são os azulejos que recobrem as paredes da nave da igreja do Espírito Santo, na mesma vila. Também as paredes laterais da capela-mor da igreja paroquial, na origem, igreja do antigo convento beneditino da freguesia de Miranda estão revestidas com azulejos de tapete de meados do séc. XVII.

Em Caminha existem azulejos seiscentistas policromos nas paredes da igreja da Santa Casa da Misericórdia. Na igreja do antigo convento de Santa Clara, há tapetes de azulejos do séc. XVII. Restavam alguns exemplares da capela do oratório franciscano de Santa Maria da Ínsua, abrangido pela fortaleza que recobre o ilhéu. Havia-os, mas em parte já se perderam, na igreja de paroquial de Caminha.

Em Monção está forrada de azulejos, de cerca de 1660, a capela dos Pereira de Castro, senhores de Barbeita, na igreja paroquial desta freguesia. Azulejos de tapete forram as paredes da capela-mor da capela de Nossa Senhora dos Milagres, em Cambezes; e outros estão colocados em rodapé nas paredes da capela-mor da igreja paroquial de Santa Maria dos Anjos, na sede do concelho, e da mesma data serão também os azulejos policromos que fazem igualmente rodapé no exterior e interior do pórtico da igreja do antigo convento de S. Francisco.

Há composições dessas, datadas de 1663, a preencher em grande parte o interior de uma capela de N.^a S.^{ta} das Neves, na freguesia da Facha, do concelho de Ponte de Lima; um frontal na capela da Senhora do Rosário da quinta do Casal da mesma freguesia, e, em igual estilo, numa capelinha de N.^a S.^{ta} da Ajuda, na quinta de Pousada, em Refoios. Na sede do concelho, há azulejos de tapete nas igrejas de N.^a S.^{ta} da Guia (rodapé na nave e na capela-mor), da ordem terceira de S. Francisco (azulejos de tapete, em pequeno rodapé, no corpo da igreja) e na ante sacristia da igreja de Santo António dos Capuchos.

Na igreja do antigo convento de S. Bento, em Viana, as paredes da nave estão igualmente recobertas de azulejos de tapete, de fabrico lisboeta, de cerca de 1660/70.

O Museu Municipal de Viana do Castelo, além de um conjunto de *tapete*, embutido na escadaria, guarda um azulejo de 1635, de procedência ignorada, e 4 azulejos, acima referidos, com inscrição e data de 1640.

3.4. No século XVII, divulgou-se um outro tipo de azulejos monocromos, com pequenas composições, em geral de elementos isoladas, os ditos *de figura avulsa*, reproduzindo figuras típicas, animais, motivos vegetais. Os primeiros conjuntos deste tipo de azulejos terão vindo da Holanda, a servir de lastro aos navios que faziam carreira entre Portugal e os Países Baixos. Muitos desses azulejos passaram a ser imitados em Portugal, mas o mesmo não deve ter acontecido com alguns deles, que, embora constituindo peças independentes, contêm composições minuciosas, de tema religioso ou profano.

Nos Arcos de Valdevez, existia, na igreja de S. Bento, antigo convento de S. Francisco, um dos maiores conjuntos. Em Ponte de Lima, podem ver-se na sacristia da igreja de Santo António dos Frades.

No concelho de Viana do Castelo, encontravam-se destas composições, de figura avulsa, no Convento de Cabanas; na capela-mor da igreja do Convento de Santo António; na sacristia do Convento de S. Domingos, nas igrejas de S. Bento e da Misericórdia e na paroquial de S. Lourenço da Montaria.

O Museu Municipal dispõe de vários espécimes e variedades de azulejos desta natureza, como se verá no respectivo inventário.

4. Azulejos historiados

Não foi só nos azulejos de figura avulsa que, no último quartel do séc. XVII, se divulgou a moda da pintura a azul e branco, primeiro nos padrões meramente decorativos, depois na execução de painéis figurativos cada vez maiores, que passaram a ocupar paredes inteiras e mesmo a revestir totalmente interiores de palácios e igrejas. É a época dos “pintores de azulejos”, capazes de realizar composições monumentais, que se enquadram perfeitamente no espírito barroco. No norte do país, as igrejas totalmente revestidas de azulejos rivalizam com as igrejas forradas de ouro, isto é, de talha dourada, de outras regiões.

Em Viana, os principais exemplos são as igrejas da Misericórdia e de S. Bento e, no aro rural, a de S. Lourenço da Montaria e a capela de

S. Francisco Xavier, de Perre. Em edifícios civis merecem destaque os azulejos do Palacete Barbosa Maciel (Museu Municipal) e os agora existentes no Paço de Anha, não se devendo esquecer os dois painéis de Santa Leocádia de Geraz do Lima, de 1702, que foram levados para o seminário do Campo de Santiago, de Braga. Há obras dos artistas: Gabriel del Barco (1691-1701), António de Oliveira Bernardes (1699-1720), Policarpo de Oliveira Bernardes, Teotónio dos Santos (1715-1725) e monogramista P.M.P.

Em Caminha, na igreja do antigo convento de Santa Clara, merecem referência três painéis de azulejos, um com a imagem de N.^a Senhora da Conceição, e dois, com imagens de Santa Clara e de S. Francisco, este datado de 1716.

No Paço do Cardido, em Brandara, Ponte de Lima, a capela tem painéis de azulejos de fabrico lisboeta, de c. de 1750 – 1760, figurando as obras de Misericórdia; na varanda que dá para o pátio, há um painel azul figurativo, com uma barra de acantos.

5. Período neoclássico

Na segunda metade do século, a presença do rocaille faz-se sentir sobretudo nos ornatos que emolduram as composições figurativas. No seu termo, verifica-se o esgotamento das formas barrocas, e a necessidade de concepções mais simples, que não excluíssem uma policromia discreta e agradável, encontra resposta nos padrões neoclássicos, em que se imita a gramática decorativa da antiguidade.

As grandes composições figurativas são cada vez mais raras, e, em vez delas, utilizam-se pequenos quadros, em geral ovais, com paisagens e raras figuras humanas no centro dos painéis decorativos.

Encontravam-se azulejos deste tipo no convento de Refoios do Lima, restando ainda em grande parte os da “sala do capítulo” – situada a nascente, no centro do claustro quinhentista. Na cozinha, as paredes estão ainda totalmente resvestidas a azulejos, com uma ornamentação austera, mas não frequente, constituída por molduras simples e composições de naturezas mortas, de índole culinária.

Um conjunto de azulejos do mesmo período foi, neste século, transferido de Lisboa para a Casa das Cortinhas, situada nos arredores de Arcos de Valdevez, junto à estrada que liga este concelho ao de Ponte da Barca.

No Museu Municipal, existem quinze azulejos produzidos na fábrica de louça de Viana, datados de 1793, que pertenceram ao mostrador do relógio da igreja de Santo António. Há também um reduzido número de azulejos decorativos inspirados nos esquemas neoclássicos.

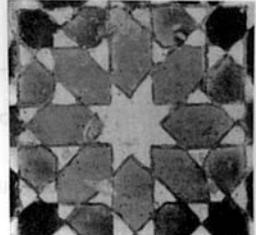
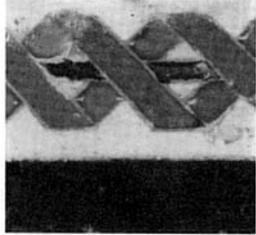
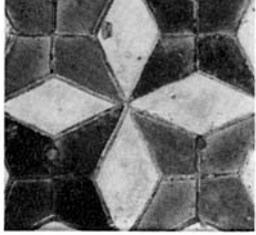
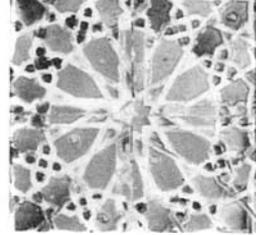
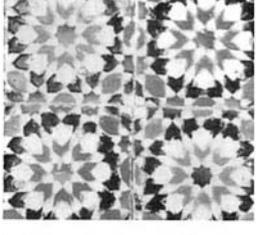
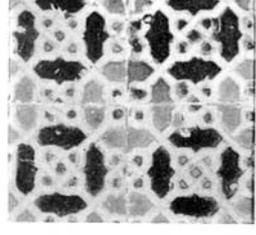
E ainda neste século se tentou ingloriamente, em Viana, recuperar a técnica do fabrico de azulejos historiados, em faiança.

* * *

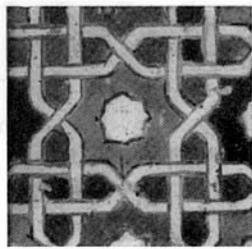
No inventário que se segue, existem cinco colunas: na primeira apresenta-se uma numeração de catálogo, ordenado segundo a tipologia dos espécimes; na segunda indica-se a quantidade de peças correspondentes a cada número; na terceira procede-se à respectiva descrição, necessariamente breve e, por conseguinte, lacónica; na quarta menciona-se o número de inventário: a este se faz referência quando se cita o número de uma ficha; finalmente regista-se o número da película no arquivo fotográfico.

N.º de Catálogo	Total	Descrição	Nº de Inv.	Reg. foto.
01.01.01	4	Imitação de alicatado (enxaquetado): composição em três «degraus», a três cores: azul, amarelo e escuro, além do branco.	1900	2018
01.01.02	2	Decoração idêntica à do anterior.	1901	2156
01.01.03	1	Imitação de alicatado (enxaquetado): azulejo rectangular (de tecto), com tarja escura na terça parte inferior, e nos outros dois terços composição de duas fitas, azuis por fora e amarelas por dentro, enroladas à volta de um eixo escuro.	1902	2114
01.01.04	1	Decoração idêntica à do anterior.	1903	2030
01.01.05	2	Imitação de alicatado (enxaquetado): composição em figuras geométricas a formar estrelas de quatro pontas.	1899	2131
01.02.01.01	4	Laçarias: estrelados, com radiações em aspa e hexagonais.	231	555
01.02.01.02	1	Decoração idêntica à do anterior.	1905	2253
01.02.01.03	2	Decoração idêntica à do anterior.	1904	2128
01.02.02.01	4	Laçarias: estrelado envolvido por dois quadrados entrelaçados; (junção dos vértices a formar cruz).	1906	2067
01.02.02.02	1	Decoração idêntica à do anterior.	1907	2189
01.02.03	1	Laçarias: «flor» com desenvolvimento das linhas de contorno, envolvida por polígono resultante da sobreposição de dois quadrados.	1908	2027
01.02.04	4	Laçarias: da junção dos vértices resulta uma composição de linhas radiantes («estrelada»), alternando em diagonal as cores azul e castanho, e verde e amarelado (creme).	1909	2081

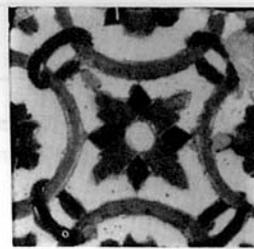
N.º de Catálogo	Total	Descrição	N.º de Inv.	Reg. foto.
01.02.05.01	4	Laçarias: composição radiante («estrelada»), com desenvolvimento circular das linhas de contorno, que se entrelaçam e formam uma espécie de rosácea, onde existem semelhanças com os pormenores de alguns tectos «mudéjares».	1910	2071
01.02.05.02	4	Decoração idêntica à do anterior.	238	1236
01.02.05.03	4	Decoração idêntica à do anterior, mas as nervuras são mais finas.	1911	2165
01.02.05.04	1	Decoração idêntica à do anterior.	1912	2113
01.02.05.05	1	Decoração idêntica à do anterior.	1913	2139
01.03.01.01	4	Laçarias: linhas entrecruzadas, formando quadrados, em diagonal, e radiais.	235	559
01.03.01.02	1	Decoração idêntica à do anterior.	1914	2163
01.03.01.03	1	Decoração idêntica à do anterior.	1915	2036
01.03.02	1	Laçarias: linhas entrecruzadas, a formar uma espécie de grade ou rede.	1916	2119
01.03.03.01	2	Laçarias: linhas quebradas entrecruzadas, a formar figuras geométricas, que sugerem estilização de folhas.	1919	2134
01.03.03.02	1	Decoração idêntica à do anterior.	1920	2191
01.04	1	Laçarias: dois quadrados entrecruzados (um de linhas paralelas ao rebordo e outro de linhas paralelas às diagonais), envolvendo um grifo.	1918	2190
02.01	1	Imitação de laçarias, que formam desenhos poligonais, embora segundo a técnica chamada de aresta, a que se acrescenta, no centro de cada peça, uma estrela de oito pontas.	1917	2162

№	№	Image	Image
1	1331		
		I 01.01.02	V 01.01.01.03
			
		II 01.01.03	VI 01.02.02.01
			
		III 01.01.05	VII 01.02.05.02
			
		IV 01.02.01.01	VIII 01.03.01.01

N.º de Catálogo	Total	Descrição	Nº de Inv.	Reg. foto.
02.02	6	Decoração idêntica à do anterior.	1921	2074
02.03	1	Círculos, unidos por argolas, a rodear florões.	1926	2029
02.04	1	Círculo ligado a outros por linhas rectas, com florões a preencher os espaços interiores e intermédios.	1927	2118
02.05	2	Círculos tangentes, formando uma espécie de cruz no intervalo entre eles, com florões a preencher os espaços interiores e intermédios.	1928	2129
02.06.01	1	Composição simétrica, com folhas e cardos enquadrados em formas geométricas (quadrados cujos lados são construídos com a junção de aspas de cores alternadas, azul e amarelado)	1933	2188
02.06.02	1	Decoração idêntica à do anterior.	1934	2115
02.06.03	4	Decoração idêntica à do anterior.	239	1237
02.07	1	Quatro círculos cruzados transformando-se em ramos ao aproximar-se das arestas; diagonais com folhas nos extremos.	1930	2025
02.08	2	Quadrado com reentrâncias em ângulo recto no meio de cada um dos lados, formando, no interior, uma espécie de cruz com uma flor no meio e um botão em cada um dos extremos.	1931	2132
02.09	4	Decoração idêntica à do anterior.	241	1239
02.10	2	Desenho resultante do cruzamento de círculos secantes com flores nos pontos em que se cruzam os quatro círculos.	1929	2033



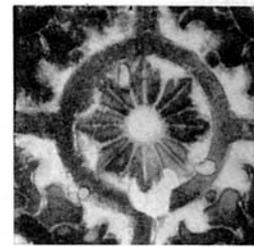
IX 01.03.02



XIII 02.03



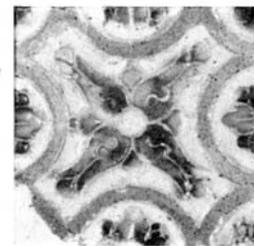
X 01.03.03.02



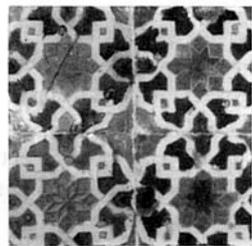
XIV 02.04



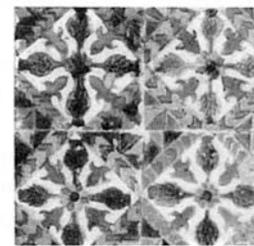
XI 01.04



XV 02.05

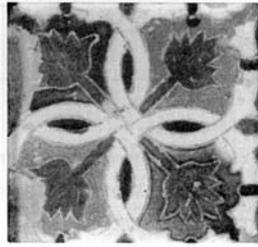


XII 02.02



XVI 02.06.03

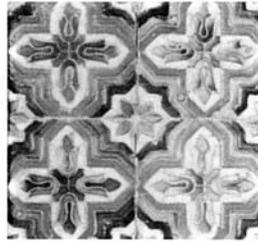
N.º de Catálogo	Total	Descrição	N.º de Inv.	Reg. foto.
02.11	1	Desenho com composição geométrico-floral ao centro e com volutas e elos ao redor.	1932	2123
02.12	2	Flor geometrizada ao centro (pétala em forma de «folha de carvalho»), formando estrelas de 8 pontas nas junções.	1935	2161
02.13	4	Grande flor ao meio e flores mais pequenas nos cantos e no espaço intermédio.	1936	2022
02.14	4	Dois quartos de círculo em cada azulejo, com o centro em vértices opostos, formando-se, com a junção de quatro azulejos, um círculo com florão ao centro; pétalas na moldura circular; flor no centro exterior ao círculo.	1944	2007
02.15	4	Grande flor ao centro, em moldura octogonal.	1939	2008
02.16.01	1	Molduras paralelas às diagonais, a formar quadrados; no centro do azulejo, um florão de oito (quatro mais quatro) pétalas; nos vértices, uma flor.	1959	2112
02.16.02	4	Decoração idêntica à do anterior.	237	1235
02.16.03	4	Decoração idêntica à do anterior.	1958	2075
02.16.04	4	Decoração idêntica à do anterior.	1960	2164
02.16.05	4	Decoração idêntica à do anterior.	1961	2194
02.16.06	4	Decoração idêntica ao anterior, com o acréscimo de uma flor a separar os vértices dos quadriláteros.	1962	2173
02.17.01	4	Quatro azulejos formam uma estrela de oito pontas, a partir de um quadrado que serve de moldura a uma composição floral simétrica (rosetão).	233	557
02.17.02	2	Decoração idêntica à do anterior.	1963	2159



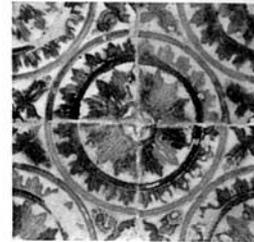
XVII 02.07



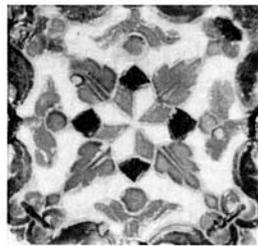
XXI 02.13



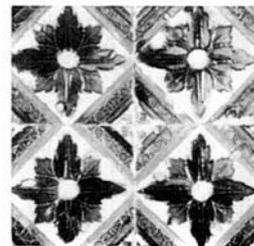
XVIII 02.09



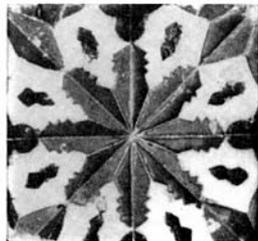
XXII 02.14



XIX 02.11



XXIII 02.16.02

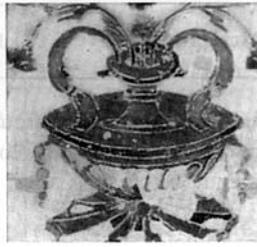


XX 02.12

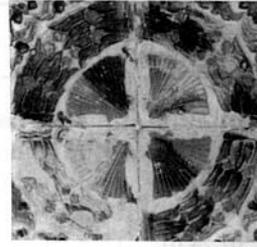


XXIV 02.18.01

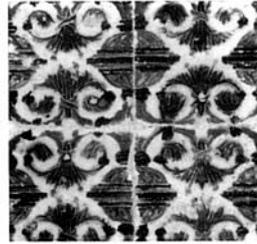
N.º de Catálogo	Total	Descrição	Nº de Inv.	Reg. foto.
02.18.01	4	Azulejos com uma composição decorativa, de inspiração renascimental (uma taça maior com gomos e outra mais pequena apoiadas e sobrepujadas por volutas), que faz eixo com a diagonal.	1937	2006
02.18.02	1	Decoração resultante da sobreposição de duas espécies de vasos gomadas, em que do superior, mais pequeno, saem pequenas flores e frutos.	1982	2024
02.18.03	4	Decoração constituída por vasos esféricos gomados, de que saem volutas de ramos que, ao juntarem-se, formam feixes ou palmetas.	1983	2195
02.18.04	2	Azulejo monocromo verde, com decoração em relevo, constituída por um vaso curvilíneo e volutas.	1984	2157
02.19.01	4	Um grupo de quatro azulejos forma um octógono, tendo no centro um florão e à sua volta um círculo em que se alternam flores e losangos em diamante, e outro círculo com chamas radiantes.	1943	2069
02.19.02	2	Decoração idêntica à do anterior.	1942	2130
02.20.01	4	Decoração em que um grupo de quatro azulejos forma um octógono, tendo no seu interior uma dupla rosácea.	1938	2009
02.20.02	1	Decoração idêntica à dos anteriores.	1940	2023
02.20.03	4	Decoração idêntica à do anterior.	1941	2077
02.21	4	A junção de quatro azulejos forma uma coroa foliar; do centro saem linhas em feixes, a formar conchas; no vértice oposto raminhos simétricos.	1945	2005
02.22	1	Decoração idêntica à dos anteriores; a ornamentação do centro é, no entanto, floral.	1946	2028



XXV 02.18.02



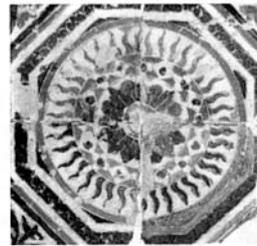
XIX 02.21



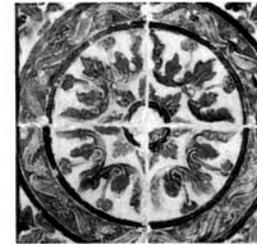
XXVI 02.18.03



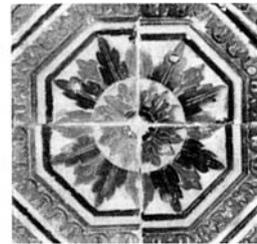
XXX 02.23



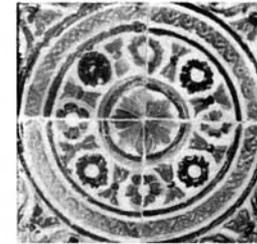
XXVII 02.19.01



XXXI 02.24.04



XXVIII 02.20.01



XXXII 02.25.01

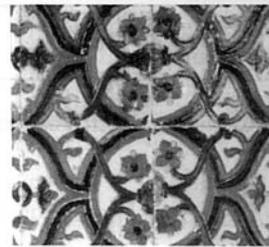
N.º de Catálogo	Total	Descrição	Nº de Inv.	Reg. foto.
02.23	4	Quatro azulejos formam um grupo de círculos concêntricos, com bandas de decoração floral estilizada nos intervalos entre os círculos.	1947	2019
02.24.01	4	Com a junção de quatro azulejos, formam-se dois círculos concêntricos, tendo no centro uma dupla rosácea, com um ramo simétrico nos vértices externos aos círculos.	240	1238
02.24.02	4	Decoração idêntica à do anterior.	1952	2017
02.24.03	4	Decoração idêntica à do anterior, mas as flores dos ângulos são voltadas para fora.	1948	2079
02.24.04	4	Decoração idêntica à do anterior.	1949	2011
02.24.05	4	Decoração idêntica à do anterior.	1950	2166
02.24.06	4	Decoração idêntica à do anterior.	1951	2170
02.24.07	1	Decoração semelhante à do anterior.	1957	2111
02.25.01	4	Com a junção de quatro azulejos formam-se círculos concêntricos, assim dispostos: no centro, a partir do vértice, uma roseta; no círculo imediato, feixes e coroas; no seguinte, corolas estilizadas; nos vértices exteriores, flor com volutas.	1953	2010
02.25.02	1	Decoração idêntica à do anterior.	1954	2031
02.25.03	1	Decoração idêntica à do anterior.	1955	2254
02.25.04	1	Decoração idêntica à do anterior.	1956	2187
02.26.01	2	Da junção de dois azulejos rectangulares forma-se uma moldura curvilínea, de vértices a alternar para dentro e para fora, tendo no meio uma roseta rodeada por uma coroa de folhas e flores, e raminhos nos vértices.	234	558

N.º de Catálogo	Total	Descrição	N.º de Inv.	Reg. foto.
02.26.02	2	Decoração idêntica à do anterior, mas em azulejos quadrados.	1964	2160
02.26.03	4	Decoração idêntica à do anterior.	236	1234
02.26.04	4	Decoração idêntica à do anterior.	232	556
02.26.05	4	Decoração idêntica à do anterior.	1965	2070
02.26.06	1	Decoração idêntica à do anterior, mas a aresta saliente para o exterior é formada por um ângulo recto e não por linhas curvas.	1966	2032
02.26.07	1	Decoração idêntica à do anterior.	1967	2116
02.26.08	2	Decoração idêntica à do anterior.	1968	2133
02.27.01	4	Bandas de três faixas constituídas pela junção de semicírculos entrecruzam-se, de modo que o espaço em branco no meio do azulejo forma um espécie de estrela, enquanto palmetas irradiam dos vértices, unindo-se em florões.	1971	2012
02.27.02	4	Decoração semelhante à do anterior, com cores diferentes e menor perfeição.	1972	2076
02.27.03	1	Decoração idêntica à do anterior.	1973	2117
02.28.01	4	Faixas curvilíneas que se entrelaçam, formando figuras resultantes da projecção de quatro semicírculos, tendo a ligá-los, a meio dos lados, outros pequenos círculos.	242	1240
02.28.02	4	Decoração idêntica à do anterior.	1924	2072
02.28.03	12	Decoração idêntica à do anterior.	243	560
02.28.04	4	Decoração idêntica ou semelhante à dos espécimes anteriores, com cores diferentes e proporções ligeiramente diversas.	1922	2167
02.28.05	4	Decoração semelhante à dos espécimes anteriores.	1923	2021

N.º de Catálogo	Total	Descrição	N.º de Inv.	Reg. foto.
02.29	4	Composição com quadrifólio no centro e flores de liz nos triângulos dos vértices.	1925	2013
02.30	1	A partir do centro irradiam, na diagonal, ramos que terminam em flores, e, na direcção dos lados, botões de flor longilíneos.	1970	1824
02.31.01	6	De dois azulejos juntos resulta um círculo, penetrado por ramos com flores azuis, que convergem no centro.	1974	2073
02.31.02	12	Decoração idêntica à anterior mas com desenho mais atarracado: de dois azulejos juntos resulta uma oval, penetrado por ramos com flores azuis, que convergem no centro.	244	561
02.32	2	Azulejos rectangulares, de tecto, com desenho simétrico, de curvas e contracurvas, formando moldura quadrilobulada completada com uma decoração floral constituída por ramos, que irradiam do centro para os lados, volutas e palmetas estilizadas.	1969	2068
02.33	1	Azulejo com a extremidade de uma composição com entrelaçados e ramos.	1987	2035
02.34.01	1	Decoração com ramos serpenteantes, entrelaçados.	1986	2122
02.34.02.01	1	Azulejos com entrelaçados e flores, numa composição que se desenvolve de modo diferente na vertical e na horizontal.	1981	2193
02.34.02.02	4	Ramos que serpenteam e se entrelaçam à volta de uma barra azul central.	1975	2158
02.34.03.01	3	Decoração idêntica à anterior.	1980	2080
02.34.03.02	4	Decoração idêntica à anterior.	1976	2251
02.35.01	1	Azulejos rectangulares (de tecto), cuja decoração se baseia num entrecruzado de folhas de acanto.	1979	2034



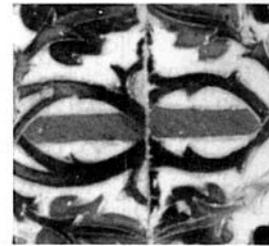
XXXIII 02.26.03



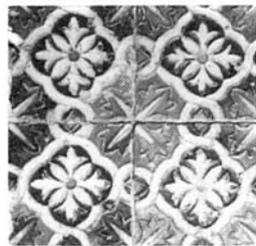
XXXVII 02.31.01



XXXIV 02.27.01



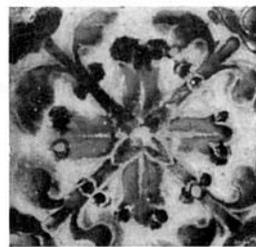
XXXVIII 02.34.02.01



XXXV 02.28.04



XXXIX 02.35.02



XXXVI 02.30



XL 03.01

N.º de Catálogo	Total	Descrição	Nº de Inv.	Reg. foto.
02.35.02	1	Decoração idêntica ao anterior, com cores diferentes.	1978	2124
02.36	4	Azulejos rectangulares, com decoração constituída por sequências de túlipas voltadas para um e outro lado.	1977	2252
02.37	1	Azulejo monocromo, com decoração vegetal em relevo, difícil de se reconstituir com rigor, por causa das falhas do esmalte.	1984	2157
02.38	1	Azulejo com decoração em diagonal, formando, pela junção de quatro azulejos, uma composição de ramos que partem na oblíqua, simetricamente, de um pequeno quadrado.	1988	2026
02.39	1	Decoração com desenho assimétrico, sendo é problemática a composição final resultante, que incluiria azulejos com outros desenhos.	1985	2255
02.40.01	1	Azulejo de remate, com estilizações de ramos.	1989	2037
02.40.02	1	Azulejo de remate, com estilizações de ramos.	1990	2126
02.40.03	1	Azulejo de remate, com estilizações de ramos.	1991	2120
02.40.04	1	Azulejo de remate, com estilizações de ramos.	1992	2186
03.01	1	Figura avulsa - Ave sobre raminho. Decoração azul e vinoso.	1993	2137
03.02.01	1	Figura avulsa - Decoração a azul, tendo nos ângulos um desenho formado por dois traços cruzados em diagonal, a separar quatro bolinhas (folhas ou pétalas); no centro, demónio (rosto humano orelhudo e corpo de animal acorçado, com rabo).	1995	2260
03.02.02	1	Figura avulsa - Ângulos idênticos aos do anterior; no centro, ave poisada, a cantar.	1997	2259
03.02.03	1	Figura avulsa - Ângulos idênticos aos do anterior; no centro, lebre em corrida.	1998	2264

N.º de Catálogo	Total	Descrição	Nº de Inv.	Reg. foto.
03.02.04	1	Figura avulsa - Ângulos idênticos aos do anterior; no centro, lebre em corrida.	2004	2125
03.03.01	1	Figura avulsa - Decoração a azul, tendo nos ângulos um desenho formado por dois traços cruzados em diagonal, a separar quatro bolinhas (folhas ou pétalas); no centro, torre com duas árvores, de copa esponjada, uma de cada lado.	1994	2256
03.03.02	1	Figura avulsa - Ângulos semelhantes aos do azulejo da ficha anterior, mas com desenho menos perfeito (tinta a alastrar); no centro, monge com um terço.	2001	2140
03.03.03	1	Figura avulsa - Ângulos idênticos aos do anterior; no centro, busto de orante feminina.	2002	2261
03.03.04	1	Figura avulsa - Ângulos semelhantes aos dos anteriores, mas as bolinhas ou pontos alongam-se como pétalas; no centro, casa ou igreja, e árvores com ramos esponjados.	2003	2135
03.04.01	2	Figura avulsa - Ângulos idênticos aos dos anteriores mas as bolinhas transformaram-se em pequenos pontos e os traços que as separam são menos oblíquos; no centro, barcos.	1999	2263
03.04.02	2	Figura avulsa - Ângulos semelhantes aos do anterior; no centro, barcos (um com figuras humanas).	2000	2262
03.04.03	1	Figura avulsa - Ângulos idênticos aos do anterior; no centro, ave em voo.	1996	2138
03.05	1	Figura avulsa - Semelhante aos anteriores, mas apenas tem a «florinha» num dos ângulos e dela desaparecem as linhas, ficando apenas as quatro pétalas; no centro, sob uma árvore esponjada, um cão persegue um coelho.	2006	2136

N.º de Catálogo	Total	Descrição	Nº de Inv.	Reg. foto.
03.06	1	Figura avulsa - Decoração a azul, com flor de liz estilizada, nos ângulos; no centro, de costas, gentil-homem obeso, de capa, com chapéu emplumado.	2005	2127
03.07	1	Figura avulsa - A azul, flor simétrica nos ângulos; no centro, figura com chapéu de abas largas, no meio de uma paisagem sumária.	2014	2174
03.08.01	4	Figura avulsa - Raminhos estilizados nos ângulos, a azul; a parte central é ocupada por um círculo, em cujos interior se vêem paisagens com cenas da vida quotidiana, no rio (três) ou de caça (um).	2013	2168
03.08.02	1	Figura avulsa - Idêntico aos anteriores, a azul, mas não tão minucioso nem perfeito; no centro cena religiosa da via-sacra (Cristo cai sob a cruz).	2015	2175
03.09	4	Figura avulsa - Azulejos decorados a vinoso, tendo uma florinha com guias, nos cantos, e no centro, cavaleiro, um sem armadura mas com lança, e três com armadura.	2012	2169
03.10.01	1	Figura avulsa - Decoração a vinoso, com cravo nos ângulos; no centro, dentro de uma circunferência, figura-se o Baptismo de Cristo no Jordão.	2009	2121
03.10.02	1	Figura avulsa - Mesmo estilo do anterior; dentro de uma circunferência, duas figuras, possivelmente de apóstolos, se não os discípulos de Emaús.	2010	2257
03.10.03	1	Figura avulsa - Mesmo estilo dos dois anteriores; dentro de uma circunferência, cena de um sacrifício ou de oração junto de um mausoléu (como foi partido e presenta lacunas na decoração, é problemática a identificação).	2011	2258
04.01	1	Azulejo rectangular, com uma composição polícroma, que inclui aves afrontadas.	2016	1991



XL I 03.02.01



XL V 03.08.01



XL II 03.02.02



XL VI 03.09



XL III 03.03.01



XL VII 03.10.02



XL IV 03.04.03



XL VIII 04.01

N.º de Catálogo	Total	Descrição	N.º de Inv.	Reg. foto.
04.02	1	Azulejo polícromo datado de 1635.	2017	2196
04.03	4	Azulejos polícromos, formando um conjunto com inscrição: [ESTA] OBRA [MAND]OU FAZER / ANDRES [A]NRIQUES / <TOURINHO> POR SUA DEVASÃO / A SUA CUSTA / 1640	2018	2020
04.04	324	Composição de azulejos de tapete, incrustados nas paredes da escadaria interior do Museu.	1058	2635
05.01	6	Painel historiado, a azul, representando rio com barco e pescador em primeiro plano.	2007	2197
05.02	6	Painel historiado, a azul com uma figura que empunha um cajado, junto de um cruzeiro.	2008	2078
05.03	144	Painel azul de 144 azulejos, com cenas da vida eremítica (incrustado na parede, ao cimo da escadaria do Museu).	1060	2638
05.04.01	4	Base de um mostrador de relógio, com decoração monocroma, estilizada, e a legenda: FABRICA DE VIANNA / ANNO DE 1793.	165	1292
05.04.02	11	Azulejos que restam de um mostrador de relógio.	2019	2384
06.01	2	Azulejos polícromos, fragmentos de uma composição com guirlanda neoclássica.	2021	2265
06.02	2	Azulejos polícromos, que faziam parte de uma decoração em guirlanda e pertenceriam possivelmente ao mesmo conjunto dos da ficha anterior.	2020	2192
07.01	2	Painel figurativo (S. Vicente) produzido na fábrica de louça da Meadela (fase de arranque). Datado: VIANA / 1947 (pintado por José Rosa de Araújo).	2956	1995